



José Cardoso Pires

BRINCADEIRAS PERIGOSAS

Há dias em Beja, freguesia de Santa Vitória, quatro crianças duma escola desataram a devorar jarros de jardim na convicção de que aquela flor os levaria a sonhar com Jorge Tadeu, personagem da telenovela “Pedra Sobre Pedra”. Comeram em verdade e em determinação e por pouco não encontraram o poético touro Ferdinando a cheirar miosótis na pradaria, por entre vacas loucas televisivas.

Acontece, como toda a gente sabe, que na paisagem das telenovelas convencionais as flores mais inocentes enganam o desprevenido e,

mer”, diz ele. E flores de telenovela ainda menos, acrescento eu.

Leio em Roger Silverstone (“Televisão, Mito e Cultura”, Londres 1988): “O mito ocupa na televisão um lugar particular entre o sagrado e o profano, entre o mundo quotidiano e o universo misterioso” — e ao mesmo tempo comento à margem que, para o espectador infantil, o fantástico e o onírico sublinham frequentemente a leitura do real que lhe é comunicado pelo pequeno ecrã.

Exacto. Em boa verdade, todos nós reconhecemos que a experiência vivida pelo mundo da infância tem transfigurações e registos de memória verdadeiramente enigmáticos. É isso e o seu sentido lúdico de testar a lógica dos adultos que tornam diabólicos os meninos inocentes e que os levam a surpreender-nos até ao riso ou ao pânico pela forma com que transgridem os conceitos que nos regem. Recordo-me aqui de “Brincadeiras Perigosas”, um velho filme de heróis de palmo e meio que, nascidos e criados na guerra, jogavam à morte com uma inocência perturbadora. Ali não eram as bandas desenhadas nem as historietas infantis que inspiravam os seus divertimentos; era o conhecimento vivido da morte que eles agora utilizavam como um jogo ainda mais fantástico do que a própria morte, porque a ignoravam nas causas e nas leis.

São estes os “meninos diabólicos” de que falamos nós, os adultos. Esses que comem flores e os que brincam às sepulturas. Os que mordem o cachorro obediente e os que assustam a

avozinha com traquinices de estarrecer. Vêmo-los com ironia divertida, mas dificilmente nos damos conta da ironia com que eles obedecem ao mundo dos outros. E ela existe, calada muitas vezes, e subtil. Se repararmos nos meninos de Paula Rego face à ordem doméstica que os enquadra, não tardamos a descobrir um traço de humor quase perverso no seu relacionamento com a harmonia dos adultos.

A falsa ordem, a mentira. Penso que uma grande parte da imaginação da infância se passa na descoberta e na contestação da mentira das regras que o mundo lhe impõe. Isso e a injustiça (que é outra forma de mentira) doem-lhe na alma e aceleram o seu imaginário para um universo de valores inesperados. Sofrem-nas umas vezes; noutras encaram-nas como um jogo e respondem-lhes jogando também, mas à sua maneira.

“Muito prazer em conhecê-lo [...] mas aquilo que perturba o senhor é a natureza do meu jogo.”

Ao citar esta canção dos Rolling Stones, lembro-me daquele menino de muito espírito a quem um amigo do papá pediu um dia que lhe fizesse uma das suas gracinhas.

“Ajoelhe-se no tapete”, ordenou-lhe então o menino, de má cara; e o senhor ajoelhou.

“Agora ladre com força”; e o senhor ladrou.

Imediatamente, o menino de muitas graças atirou-lhe um pontapé aos costados e desabafou:

“Estupor do cão a querer morder!” ●

Grande parte da imaginação da infância passa-se na descoberta e na contestação da mentira das regras que o mundo lhe impõe. Sofrem-nas umas vezes; noutras encaram-nas como um jogo e respondem-lhes jogando também, mas à sua maneira.

se tomadas muito à letra, envenenam as meninges. Só que os quatro meninos alentejanos não sabiam desse mistério e, ao passarem os jarros da televisão para a realidade dos canteiros da escola, em vez do sonho procurado acabaram em pesadelo e um deles foi parar ao hospital.

Konrad Lorenz, no célebre ensaio sobre “O Homem Ameaçado”, cita um provérbio que vem a propósito para a moral desta história: “Almôndegas de ouro não se podem co-